

INFORME RURAL ETENE

ANO 1, Nº 9 – SET/2007

CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRODUÇÃO DE MANGA NO NORDESTE¹

Francisco Raimundo Evangelista
Mestre em Economia Aplicada, Pesquisador do ETENE
Fone: (85)3299-3419
Fax: (85)3299-3474
evan@bnb.gov.br

Introdução

O desempenho do cultivo da manga no Brasil entre 1990 e 2005 pode ser dividido em duas etapas distintas, mercê do papel que a região Nordeste passou a desempenhar nos anos mais recentes.

De 1990 a 1995, a área colhida passou de 45,3 para 56,5 mil hectares, com a produção evoluindo de 700 para 820 mil toneladas, o que representou uma ligeira queda da produtividade (de 15,5 t/ha para 14,5t/ha). Entre 1996 e 2005, a área colhida aumentou em 9,6%, passando de 62,1 para 68,1 mil hectares e a produção cresceu 31,4%, evoluindo de 763 para 1.002 mil toneladas, com uma quase recuperação da produtividade (de 12,3 t/ha para 14,7 t/ha). Os dois períodos foram marcados por um “deslocamento” da produção, posto que a participação do Nordeste na área colhida superou de forma significativa a do Sudeste; houve a confirmação da liderança do Nordeste na produção nacional (a participação nordestina foi de 53% para 69% enquanto a do Sudeste declinou de 38% para 28%) e a consolidação da produção irrigada, especialmente em Pernambuco e na Bahia.

Nesses dois estados houve um acréscimo de 15 mil hectares de área colhida entre 1996 e 2005, concentrado no pólo Petrolina/Juazeiro. Petrolina, em Pernambuco, representou 89% da produção estadual de manga, enquanto a produção de Juazeiro, na Bahia, correspondeu a 65% do total estadual. Naquela região estão localizados vários perímetros irrigados implantados pela CODEVASF (Bebedouro, Nilo Coelho, Curaçá, Mandacaru, Maniçoba e Tourão), cuja área colhida em 2005 (8,4 mil hectares) alcançou 12,3% do total nacional.

De acordo com o Cadastro Frutícola da CODEVASF (2006), o pólo Petrolina/Juazeiro contava com 24,8 mil hectares plantados de manga, assim caracterizados: 5,2% em formação; 17,1% em produção crescente; 66,2% em plena produção e 11,5% em produção decrescente. Grosso modo, podemos dizer que em 2006, desconsiderando novos acréscimos, havia um estoque líquido de 2,7 mil hectares para aumentar a produção².

¹ Este Informe baseia-se fortemente na pesquisa “Limites, oportunidades e posicionamento estratégico para a cultura da manga no sub-médio São Francisco”, contratada pelo ETENE e coordenada pelo Prof. Luiz Andréa Fávero, da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Os resultados dessa pesquisa foram apresentados em Petrolina-PE e discutidos com lideranças daquela região, nos dias 16 e 17/08/2007 e o trabalho, provavelmente, será publicado na forma de livro. Erros, imprecisões e omissões, entretanto, são da responsabilidade do autor.

² Considerando-se a soma das áreas em formação e em produção crescente menos aquelas em produção decrescente.

A crise da mangicultura no Pólo Petrolina/Juazeiro

Nos anos 90, os perímetros irrigados da região de Petrolina/Juazeiro especializaram-se na fruticultura (especialmente uva e manga), com foco no mercado externo. Tendo por base tanto unidades de cultivo empresariais quanto familiares, contando com um pacote tecnológico (irrigação, indução floral) que possibilitava o planejamento da produção para aproveitar-se das “janelas de mercado” e com facilidades para a comercialização (*packing-houses*, estruturas de tecnologia da informação, cadeia de frio e *marketing*), a região quase decuplicou a área colhida e a produção de manga de 1990 para 1995³. Nesse período, os preços da manga foram muito favoráveis, com uma média de US\$ 1,60/kg nos Estados Unidos e entre US\$ 0,90 e US\$ 1,00 no CEAGESP.

A partir de 1996 esse cenário mudou, com uma queda dos preços externos e também internos. O preço da manga nos EUA em 1996 caiu 30%; em 2004 atingiu seu valor mais baixo – US\$ 0,60/kg, quedas também verificadas no mercado europeu. Apesar disso (e mercê de tratar-se de uma cultura permanente, cuja decisão de investimento se dá em um cenário mas a entrada em produção vai ocorrer num outro cenário, que pode ser inteiramente distinto do primeiro) a área colhida no pólo Petrolina/Juazeiro continuou aumentando (foi de 6,5 mil para 17,1 mil hectares de 1996 para 2005). Em virtude da tecnologia utilizada, a produtividade daquela região é muito superior à média do país, pelo que o crescimento da produção foi desproporcional ao aumento da área: enquanto a área colhida cresceu 164% de 1996 a 2005, a produção aumentou 556% no mesmo período (passou de 60,1 mil para 394,2 mil toneladas). Desse total, em média 35% é destinado ao mercado externo, quando a unidade de análise é o pólo; entretanto, as grandes empresas exportam 82% da sua produção.

Por mercado externo entenda-se quase que somente a União Européia e os EUA, posto que responderam por mais de 90% das exportações brasileiras em 2005. Os EUA são os maiores importadores mundiais de manga, secundados pela União Européia. Em relação a compras do Brasil, entretanto, essa situação se inverte, com a UE sendo o nosso maior mercado. As importações desses mercados apresentaram uma tendência crescente de 1996 a 2003 e levemente declinante a partir de 2004.

Outra característica comum e de sérias conseqüências para o Brasil e para o pólo Petrolina/Juazeiro em particular é o aumento da participação de outros países naqueles mercados, levando à deterioração dos preços. No caso da União Européia, o Brasil é o maior fornecedor, mas o Peru tornou-se nosso maior concorrente a partir dos anos 2000, destacando-se também a presença do Paquistão, Israel e Costa do Marfim. O fornecimento de mangas para o mercado americano é dominado pelo México; o Brasil posiciona-se em terceiro lugar, tendo sido ultrapassado recentemente pelo Peru.

Essa situação de mercados sobre-ofertados e extremamente concorridos implicou redução dos preços, em geral, e redução mais acentuada dos preços do produto brasileiro, em particular, em função de alguns aspectos específicos da mangicultura brasileira, a serem explicados a seguir.

³ A área colhida foi de 0,6 mil para 5,1 mil hectares e a produção evoluiu de 4,7 mil para 42,5 mil toneladas no período (Fávero, L. A. Limites, oportunidades e posicionamento estratégico para a cultura da manga no sub-médio São Francisco. Fortaleza: BNB-ETENE, 2007. Vol. 1 e 2).

As especificidades do Brasil

O Brasil, assim como a Índia, é um grande produtor e consumidor de mangas, contando com várias variedades “nativas”, dentre as quais se destacam a *Espada*, a *Bourbon*, a *Rosinha* e a *Itamaracá*, resultantes da introdução e cruzamentos naturais ocorridos a partir do material genético trazido da Ásia pelos portugueses. Essas variedades são bastante conhecidas no mercado interno e sua produção se caracteriza pela forte sazonalidade, haja vista a predominância dos “cultivos de quintal” sobre os cultivos econômicos. Nestes últimos, cuja expansão explica os números apresentados na Introdução, deu-se preferência às variedades melhoradas norte-americanas, por várias razões, dentre as quais se destacam o baixo porte da planta, a coloração vermelha da casca e a facilidade no manejo da indução floral, características facilitadoras do processo produtivo e da penetração nos mercados externos.

Integram a lista das mangas “americanas” as variedades *Edward*, *Haden*, *Keitt*, *Kent*, *Palmer* e *Tommy Atkins*, para citar as mais conhecidas. Entretanto, 87% das áreas de produção irrigada nos estados de Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Pernambuco e Sergipe correspondem à variedade Tommy Atkins; nessas mesmas áreas seguem-se a Palmer e a Kent, com 3,6% e 3,3%, respectivamente⁴. Podemos falar com propriedade, portanto, de uma “monocultura” da variedade Tommy Atkins.

Essa situação específica tem determinado que o Brasil promova uma verdadeira “inundação” do mercado europeu, em seu próprio prejuízo. Nos meses de outubro e novembro – que configuram a “janela de mercado” brasileira na Europa – a manga do Brasil é a mais presente no mercado (em 2006 houve semanas com o envio de mais de 200 contêineres, ocasião em que os preços se aproximaram de €2,00/caixa). A qualidade gustativa da variedade Tommy Atkins – mais adstringente que a Kent, fornecida pelo Peru na mesma época – levam a uma maior queda dos preços do produto brasileiro. O preço da manga peruana, na mesma ocasião, situou-se ao redor dos €4,00/caixa. Quando as aquisições no mercado europeu estão um pouco mais lentas que o usual, os contêineres de manga demoram mais nos portos e as frutas perdem qualidade, o que força a sua venda por valores mais baixos, o que só se agrava com a chegada de novas remessas de frutas do Brasil.

Essa situação de oferta excessiva não apresenta perspectivas de mudar, primeiro porque administrar as remessas de frutas brasileiras para a União Européia requer uma coordenação da produção e dos embarques que parece longe de ser alcançada. Na verdade, o “boom” de implantação de áreas de manga não se restringiu aos estados de Pernambuco e da Bahia, na região do pólo Petrolina/Juazeiro.

⁴ Conforme a Codevasf, citada por Fávero, 2007.

Tabela 1 – Evolução das Áreas Plantada Colhida e com Manga, no Brasil, no Nordeste e nos Estados da Área de Atuação do BNB, em anos selecionados.

Estados	Anos				Crescimento nos Períodos		
	1990	1995	1996	2005	90-05	90-95	95-05
Área Plantada (A)							
Brasil	45.545	57.160	62.426	71.343	56,6%	25,5%	24,8%
Nordeste	17.122	24.776	26.960	46.901	173,9%	44,7%	89,3%
Bahia	3.046	7.714	8.833	23.320	665,6%	153,3%	202,3%
Pernambuco	2.537	3.547	4.857	8.370	229,9%	39,8%	136,0%
Minas Gerais	5.973	6.180	7.497	5.992	0,3%	3,5%	-3,0%
Ceará	2.222	2.367	3.321	4.812	116,6%	6,5%	103,3%
Rio Grande do Norte	1.999	2.677	2.662	3.092	54,7%	33,9%	15,5%
Paraíba	1.863	2.622	2.641	2.721	46,1%	40,7%	3,8%
Piauí	2.854	3.333	1.213	1.681	-41,1%	16,8%	-49,6%
Sergipe	744	849	1.665	1.172	57,5%	14,1%	38,0%
Alagoas	1.072	997	912	969	-9,6%	-7,0%	-2,8%
Maranhão	785	670	856	764	-2,7%	-14,6%	14,0%
Espírito Santo	770	717	412	399	-48,2%	-6,9%	-44,4%
Área Colhida (B)							
Brasil	45.303	56.502	62.146	68.141	50,4%	24,7%	20,6%
Nordeste	16.977	24.149	26.779	43.792	157,9%	42,2%	81,3%
Bahia	3.046	7.709	8.819	20.213	563,6%	153,1%	162,2%
Pernambuco	2.532	3.409	4.708	8.368	230,5%	34,6%	145,5%
Minas Gerais	5.928	6.179	7.475	5.992	1,1%	4,2%	-3,0%
Ceará	2.172	2.367	3.321	4.812	121,5%	9,0%	103,3%
Rio Grande do Norte	1.974	2.322	2.662	3.092	56,6%	17,6%	33,2%
Paraíba	1.856	2.622	2.641	2.721	46,6%	41,3%	3,8%
Piauí	2.854	3.225	1.213	1.681	-41,1%	13,0%	-47,9%
Sergipe	744	849	1.657	1.172	57,5%	14,1%	38,0%
Alagoas	1.015	976	902	969	-4,5%	-3,8%	-0,7%
Maranhão	784	670	856	764	-2,6%	-14,5%	14,0%
Espírito Santo	770	717	412	399	-48,2%	-6,9%	-44,4%

Fonte: IBGE – Produção Agrícola Municipal (www.sidra.ibge.gov.br). Consultado em 04/10/2007.

A Introdução deste trabalho reporta a evolução da área colhida. Na Tabela 1, vê-se que o crescimento da área plantada com manga no Brasil e no Nordeste foi superior ao da área colhida, qualquer que seja o sub-período escolhido. Vê-se ainda que o plantio tem se ampliado em outros estados (Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Sergipe) além da Bahia e de Pernambuco. No estado da Bahia, trabalho recente do BNB-ETENE⁵ destaca a existência de um outro pólo produtor de manga: Formoso.

A diferença entre a área plantada e a área colhida, evidentemente, pode ter outras razões, mas a principal delas é o tempo que as fruteiras levam para começar a produzir, impedindo a colheita nas áreas recém-implantadas. A existência dessas áreas, juntamente com aquelas que ainda não atingiram a plenitude produtiva, representa um potencial de produção que só permite prever o prolongamento da sobre-oferta atual⁶.

O mercado interno, que é ainda o principal destino da manga produzida no Nordeste, apesar de o sistema produtivo implantado nas áreas irrigadas ter sido concebido com o objetivo de alcançar o mercado externo, não vem funcionando como uma “válvula de escape” adequada para a situação. Conforme Fávero (2007, v.2 p.40), “criou-se um padrão de referência negativo para as frutas: ‘refugo/descarte’, principalmente para aquelas que em grande parte se destinam à exportação, entre elas a manga”. Ou seja, a estratégia de comercialização adotada – de priorizar mercado

⁵ Santos, J. A. N et alli. Fruticultura nordestina: desempenho recente e possibilidades de políticas. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2007. (Série Documentos do ETENE, n.15). 175p.

externo, deixando para as vendas internas as mangas que não alcançam o 'padrão exportação' – não tem levado à valorização do produto.

Tendências gerais do mercado

Do ponto de vista do crescimento da demanda, o cenário para a manga não é ruim. Há uma atitude positiva por parte dos consumidores, sejam eles europeus, americanos ou brasileiros, para com as frutas e verduras; a manga, dentre a frutas tropicais excetuando-se a banana, é a que mais tem crescido no comércio mundial. Percentual considerável de importadores europeus e americanos pesquisados informou que pretende aumentar as importações de manga.

O que se torna problemático para os ofertantes – onde nos incluímos – é a acirrada disputa existente pelos dois maiores mercados mundiais. Assim como o Brasil, outros países (inclusive europeus, como a Espanha) percebem essas oportunidades e entram na disputa pelos mesmos mercados. A questão passa a ser, portanto, de competitividade. Os integrantes do agronegócio da manga devem perguntar-se: qual é a nossa capacidade de manter ou ampliar a fatia do mercado *x*, a preços remuneradores?

Por se tratar de um produto perecível, que para alcançar bons preços precisa ser comercializado em janelas de mercado bem delimitadas, as ações de coordenação do agronegócio da manga assumem uma importância primordial. Numa primeira análise, parece-nos que há pouco a fazer de forma individual pelos agentes (produtores, *packing-houses*, *tradings*; atacadistas, centrais de abastecimento etc). Para que a coordenação funcione, será necessário uma concertação, envolvendo se não todos mas a grande maioria dos interessados.

Tampouco nos parece viável uma estratégia que só contemple as grandes empresas; a existência de um excedente de produção de manga, vindo dos pequenos produtores, mas com possibilidade de atingir os mercados externo e interno por intermédio dos representantes das grandes cadeias de abastecimento servirá como um controlador dos preços, mantendo-os baixos.

A situação aqui ligeiramente retratada deixa evidente que, da parte dos produtores brasileiros, há que existir alguma iniciativa – no curto prazo – que reduza a oferta da manga Tommy Atkins especialmente no mercado europeu. Se os produtores optarem pela erradicação (a hipótese mais radical e que, numa crise profunda, não demandaria coordenação, seria uma atitude espontânea), quem garante que as áreas restantes assegurariam a manutenção da posição brasileira no mercado?

No médio prazo, esse mesmo resultado poderia ser obtido com a diversificação das variedades (quem sabe até a introdução, no Brasil, das variedades de sucesso hoje plantadas no México e em Israel).

Fazer a "sintonia fina" desse agronegócio requer informação – não disponível hoje no nível requerido para todas as áreas produtoras. Não basta saber a área plantada (quantos hectares e em que ano? qual variedade?).

Uma das hipóteses apresentadas (com cautela) em Fávero (2007) é a agroindustrialização da manga. Entretanto o trabalho reconhece que, para fins de processamento industrial, a manga dos perímetros irrigados ainda é cara e as características da variedade predominante são inadequadas. Ou seja, o preço atual é inadequado para o produtor, devido aos custos elevados de produção (de uma fruta de mesa), mas precisaria baixar ainda mais, para atender as necessidades de uma agroindústria.

⁶ A iniciativa da CODEVASF, de realizar um cadastro frutícola na sua área de atuação, classificando as fruteiras conforme o seu ciclo produtivo é de extrema utilidade para a gestão da fruticultura e deveria se estender a todos os pólos de produção.

Foge do objetivo desse Informe apontar soluções; mas é inevitável destacar que elas só poderão vir de um processo de discussão e negociação entre os diretamente interessados, presididas pelo objetivo de preservar a participação e os ganhos de todos os segmentos.

Para consulta aos demais números do [Informe Rural ETENE](#), clicar sobre o título desejado pressionando CTRL:

Ano 1 Nº1 Jan 2007 – Cadeia produtiva da soja ensaia recuperação em 2007:
http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=146

Ano 1 Nº2 Fev 2007 – Mercado de carne bovina (1) – cenário mundial:
http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=147

Ano 1 Nº3 Mar 2007 – Cenário para a agroindústria brasileira de frutas:
http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=382

Ano 1 Nº4 Abr 2007 – Mercado de derivados de cana-de-açúcar (1) – álcool:
http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=438

Ano 1 Nº5 Maio 2007 – O mercado de derivados de cana-de-açúcar (2) – cachaça
http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=595

Ano 1 Nº6 Jun 2007 – Desempenho e perspectivas da avicultura industrial
http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=599

Ano 1 Nº7 Jul 2007 – Condição atual e perspectivas da carcinicultura nordestina
http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=654

Ano 1 Nº8 Ago 2007 – Prognóstico de safras
http://d001www06/cenetene/projconjecon/conteudo/abreDocs.asp?cd_doc=655